

O CURRÍCULO OCULTO SOB PERSPECTIVA INTERATIVA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA POR MEIO DE *ROLE-PLAYS*

Marineuza Souza dos Santos¹
maridsantos4@gmail.com

RESUMO

O presente artigo se insere na temática de Língua Inglesa como língua adicional e aborda o uso de atividades em grupo, especificamente as *role-plays* como forma de aprimorar competências sociais e comunicativas e evidenciar o currículo oculto no processo interacional entre os alunos. Ao considerarmos que o trabalho com a língua inglesa, de acordo com os documentos normativos, deva ser a formação tanto de habilidades linguísticas e comunicativas, quanto de interação e pertencimento social, busca-se apresentar as *role-plays* como instrumento privilegiado para este fim, precisamente por conter algumas características que fazem desta atividade uma excelente chance para desenvolvimento do *speaking* e do *listening*, habilidades raramente trabalhadas em sala de aula. Além disso, este tipo de tarefa proporciona aos alunos o contato com situações onde o uso da língua se faz necessário, estimula a autoconfiança e autoconhecimento e promove a interação e a troca de experiências, ofertando, assim, a oportunidade da formação de comportamentos e posturas que possibilitam o preparo do aluno para a convivência em sociedade. Este estudo configura-se como uma pesquisa bibliográfica exploratória e destina-se a professores e educadores de línguas, em especial do Ensino Médio, que buscam inserir a prática deste tipo de atividade em suas aulas.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa; Currículo Oculto; Role-play.

1 INTRODUÇÃO

A escola possui papel fundamental na formação do indivíduo e deve refletir o contexto social no qual o público-alvo se encontra inserido. Dentre as habilidades trabalhadas durante os anos escolares, o estudante deve estar apto a comunicar-se adequadamente e fazer escolhas que o levarão a ser compreendido de acordo com o contexto comunicacional. Além das habilidades comunicativas na língua materna, a língua estrangeira deve também fazer parte desse processo de desenvolvimento conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Um pouco além da comunicação, o ensino da língua deve pautar também a preparação para a sociedade e formar uma postura cidadã no aluno, aliando conteúdos linguísticos, gramaticais, sociais, afetivos e culturais. O ensino da língua adquire papel que vai além de simplesmente um emaranhado de regras e novas palavras para decorar, mas assume “a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2000, p.25).

Mediante isso, a atuação do professor passa a ser também o de estrategista, a fim de tratar o ensino de língua estrangeira como oportunidade de transmissão de valores e de abrir caminho para que as tarefas

¹ Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na SEEDUC-RJ; Pós-graduada em Ensino de Leitura e Produção Textual, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Ensino de Língua Inglesa e Uso de Novas Tecnologias, pela Universidade Estácio de Sá; mestranda em Práticas de Educação Básica, pelo Colégio Pedro II, linha de pesquisa "Práticas Emergentes na Educação".

estejam ao alcance dos alunos, provocando um despertar para aquilo que os rodeia. Mais que os conteúdos previamente programados, o conhecimento que o aluno tem acesso e contato atinge níveis mais elevados. O ambiente escolar é riquíssimo de possibilidades de ensinamentos que muitas vezes não planejamos e havíamos esperado. Assim, tudo aquilo que se é passado sem pré-estabelecimento se insere no currículo oculto, terminologia não muito abordada, mas deveras importante no processo de formação integral do educando.

Como proposta, apresenta-se os trabalhos em grupos desenvolvidos em sala de aula, onde ocorre a oportunidade de troca de experiências e conhecimento. Focaremos este trabalho na *role-play*, atividade onde além dessa troca há também a interação, o contato humano, a necessidade de comunicação, improvisação e de vivência. Através dela, é possível trabalhar temas mais comuns e verossímeis, o que ajuda os alunos a compreenderem e analisarem a estrutura social no qual ele está inserido, além de estimular a autoconfiança diante de situações cotidianas.

Para elaboração do presente trabalho, lançou-se mão da revisão bibliográfica como meio de se estabelecer o diálogo entre vários autores que compreendem as *role-plays* enquanto meio de interação social e desenvolvimento linguístico, e o currículo oculto, como colaborador para o fortalecimento de uma mente ativa na sociedade, através de uma perspectiva libertadora.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Este artigo se desenha com caráter qualitativo, por meio de pesquisa exploratória bibliográfica. Sobre esse tipo de pesquisa, Gil afirma que “têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002). As etapas e instrumentos usados a fim de direcionar esse trabalho tiveram base em pesquisas de produções acadêmicas, buscando primeiramente avaliar a relevância do assunto e, posteriormente, coletar informações e conhecimentos sobre a temática.

2.2 MUITO ALÉM DO CURRÍCULO FORMAL: FORMANDO MENTES CIDADÃS

A educação brasileira ainda é nitidamente tradicional. Sinônimo de bem estudado ou bem-educado é frequentemente associado a quem frequentou uma escola rígida nos conteúdos e no sistema avaliativo. Todavia, o ser, em sua completude, necessita de uma formação que vai além do intelectual. As transformações de paradigma que a Pós-Modernidade nos trouxe abrem espaço para intensas modificações no universo escolar, que, de forma ideal, deveria acompanhar esse desenrolar acelerado e complexo.

Diferente do que se espera, a educação formal se mostra ainda estagnada numa era antiquada, incoerente com o público atendido que é atendendo a um público cada vez mais focado no futuro. Acerca disso, Abed (2014) afirma que a transformação do espaço escolar é inevitável e que as competências voltadas a emoções e à socialização devam estar presentes nas salas de aula.

Não é mais possível conceber que apenas a cognição comparece à sala de aula: os estudantes têm emoções, estabelecem vínculos com os objetos do conhecimento, com os colegas, com os professores, com a família, com os amigos, com o mundo. Os professores também. Todos nós rimos, choramos, sofremos, nos encantamos, desejamos, fantasiemos, teorizamos [...] Somos seres de relação, repletos de vida, há infinitos universos dentro e fora de nós - não há como fugir disso. (ABED, 2014, p.8)

Além do currículo formal, contamos com o currículo oculto, termo conceituado no final da década de 60. A palavra currículo é proveniente do latim *curriculum* que significa “lugar onde se corre ou corrida, derivado do verbo *currere*, que quer dizer percurso a ser seguido ou carreira” (PACHECO apud PINTO; FONSECA, 2017, p. 60). Assim sendo, o currículo seria um caminho a ser seguido por conteúdos pré-definidos, a fim de orientar a prática pedagógica.

O currículo oculto contempla ações que não estão explícitas legitimamente no projeto pedagógico, “o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações.” (SILVA, 2001, p.78).

Segundo Apple (1989, apud SILVA, 2003, p. 47), o currículo oculto está dividido em duas partes: aspectos estruturais e aspectos relacionais. O primeiro diz respeito à coordenação física escolar; o segundo, às relações sociais. O primeiro aspecto tornou-se, de certo modo, parte do padrão organizacional das escolas. Como exemplo, podemos citar a diferença de tamanho das mesas de alunos e professores, o não acesso discente a alguns recintos, como a sala dos professores, os diferentes banheiros (de alunos, de funcionários, de professores). Já o segundo, mais complexo que o primeiro, trata da postura, do comportamento, da transmissão de princípios éticos e morais.

Seguindo o pensamento de Pinto & Fonseca, o professor tem papel relevante e fundamental na gestão do currículo oculto, de forma a utilizá-lo como aliado no processo de construção de posturas e pensamentos dos alunos:

Na concepção de um currículo oculto, as suposições em sala de aula são tácitas e incidentais, dependem da dinâmica e do contexto no qual a aula acontece, sendo o papel do professor fundamental neste contexto, uma vez que cabe a ele a sensibilidade de utilizar no momento um acontecimento ou assunto trazido a tona, que não tendo sido planejado, surge em consonância com temas importantes para formação do indivíduo. (PINTO; FONSECA, 2017, p.63)

Sob a ótica de Cagliari, o professor, como agente de transformação, deve quebrar o paradigma de que a escola seja espaço de hierarquia e poder, de retenção de saberes acadêmicos apreciados pela sociedade e voltar-se para o prisma transformador, libertador e democrático. A

tarefa docente está em, além de despertar um cidadão que saiba viver em sociedade, fazer com que este mesmo cidadão seja capaz de refletir sobre aquilo que está ao seu redor.

O professor além de ser mais um instrumento que simboliza as relações sociais vigentes, poderá ser também um agente de transformação desde que considere os aspectos sociais apresentados ao redor da escola em sua atividade docente. Embora haja de maneira simplista, os professores não percebem de maneira consciente o verdadeiro valor do papel social do professor e da escola, que é a instituição primeira responsável pelas grandes transformações sociais e políticas num sistema organizado. (CAGLIARI, 2009, p. 36)

Freire também defende que a educação deva preparar para a atuação na sociedade, não apenas transmitir conteúdos formais e desenvolver no aluno uma máquina para obedecer. Ele afirma que a educação não deva ser “nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p.98).

Na esteira de Abed, prosseguimos com o papel docente em formar o aluno em sua integridade, perpassando o conhecimento intelectual e atingindo também a afetividade, a emoção, a sua humanidade. (ABED, 2014, p.20). A autora também reforça a importância de se construir um espaço de troca na sala de aula.

Cabe ao professor mediar a construção de um ambiente de ensino-aprendizagem democrático, responsável, coerente e participativo, onde se cultive o verdadeiro “*di-álogo*”, ou seja, onde o “logos” (o conhecimento, o saber) possa ser compartilhado a dois – o “eu” e o “outro”. (ABED, 2014, p. 23)

A tarefa primordial do professor consiste em levar os alunos a compreenderem a estrutura dominante, não somente fazendo-os respeitá-la, mas tornando-os capazes de ler e interpretar o mundo. Quando a educação acoberta a problemática social, ela foge da empreitada de educar e passa a danificar o processo de formação do indivíduo. Diante disso, analisaremos a inserção das *role plays* nas aulas de inglês a fim da formação de um posicionamento crítico e de habilidades comunicativas que podem contribuir para a formação cidadã do estudante.

2.3 DOIS É MELHOR QUE UM: O TRABALHO EM GRUPO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

Os seres humanos são criaturas sociais e comunicativas, visto que desde a transmissão de costumes e história de um povo até a reprodução da espécie, o homem faz uso dessas habilidades. Ainda que por muito tempo a proposta conteudista de memorização passiva e transmissão somente da parte docente tenha predominado no processo de ensino-aprendizagem, atualmente, com o avanço tecnológico e as transformações sociais ocorridas, o ensino busca uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, e busca formar “um conjunto de disposições e atitudes como

pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que o aluno possa participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade dos estudos”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO 2000, p.5)

Vygotsky (1984, p.18) foi um dos grandes defensores desse formato de educação, afirmando que “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual”. Através de seus estudos, levou à tona que a aprendizagem está estreitamente relacionada às relações sociais. Ele ainda afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sociocultural.

A teoria sociointeracionista de Vygotsky, que trata a vivência em sociedade como elemento essencial para a transformação do homem ser biológico em ser humano sociável, permeia a análise do trabalho grupal em sala de aula. Os PCNs assinalam que “não há linguagem no vazio, seu grande objetivo é a interação, a comunicação com o outro, dentro de um espaço social” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2000, p.5). Dialogando com essa afirmação, uma matéria do site G1 apontou que o trabalho em grupo influenciou inclusive o tamanho do cérebro humano “Segundo pesquisadores irlandeses e escoceses, a resposta pode ser muito simples: para sobreviver, o ser humano precisou cooperar com seus semelhantes e, portanto, precisou se dotar de um cérebro suficientemente grande.”.

Brown (2001, p. 177, tradução nossa) define trabalho em grupo como "um termo genérico permeando uma multiplicidade de técnicas onde dois ou mais estudantes realizam uma tarefa que envolve colaboração e iniciativa própria". Em busca do mesmo objetivo, os alunos exercem as funções ativa e passiva, ativando uma “troca horizontal”, conforme diz Scarpa (apud REVISTA NOVA ESCOLA, 2021), que também afirma que “os agrupamentos produtivos nascem quando os estudantes têm habilidades próximas, mas diferentes. Assim, os dois têm a chance de complementar o que já sabem individualmente e avançar juntos”, em entrevista à Revista Nova Escola.

Ao assumir uma postura mais ativa, o aluno não só aprende como também desenvolve valores sociais importantes: o respeito, a compreensão e a solidariedade, o saber ouvir e falar. Conviver, relacionar-se com o próximo e trabalhar em equipe são habilidades fundamentais para o mundo de hoje, dentro e fora da escola. E as atividades em grupo permitem ao estudante acolher o ponto de vista alheio. (REVISTA NOVA ESCOLA, 2014)

A partir da ideia de que o currículo oculto escolar esculpe no aluno atitudes e competências que mais estão voltadas à vida social, o trabalho em equipe toma importante espaço na formação social dos alunos. Isso porque cooperação é o elemento chave desse tipo de organização. Os

integrantes do grupo devem estar dispostos em suas responsabilidades e papéis, comprometendo-se no cumprimento da meta estabelecida da melhor forma possível.

A partir disso, o aluno encara a necessidade de colocar-se no lugar do outro, a fim de identificar as dificuldades do colega e tentar saná-las para que a tarefa seja concluída. Tal aluno adquire também autonomia na tomada das próprias decisões e aprende a defender sua posição de forma confiante perante os integrantes do grupo ou mesmo fora das atividades executadas em sala de aula.

2.4 CONCEITUALIZAÇÃO DE *ROLE-PLAYS*

De acordo com Doff (1990, p.232) “*role-play* é uma maneira de trazer situações da vida real para a sala de aula”. Van Ments (1989, p.186) afirma que “*role-play* é o nome dado para um particular tipo de simulação que foca a interação entre as pessoas”. Brown (1994, P.178, tradução nossa) considera *role-play* uma “atividade linguística com atribuição de um papel a um ou mais membros de um pequeno grupo a fim de que uma meta seja atingida”.

Ladousse (2003) em seu livro intitulado “*Role-play*” trata esse tipo de atividade como uma maneira de interação em que os alunos assumem papéis podendo ser criativos e lúdicos, a fim de criar sua própria realidade e aumentar as habilidades de interação com outros colegas. Ela afirma que os riscos da comunicação no mundo real não atrapalham a imagem dos alunos, o que aumenta a autoconfiança.

Criando sua própria realidade sem restrições e, fazendo isso, estão experimentando com o seu conhecimento do mundo real e desenvolvendo sua habilidade de interagir com outras pessoas. (...) Nenhum dos riscos da comunicação e do comportamento no mundo real está presente. A atividade é agradável e não ameaça a personalidade dos aprendizes. Esse brincar/representar um papel vai aumentar a autoconfiança ao invés de danificá-la. (LADOUSSE, 2003, apud ROSA, 2008, p.24)

A autora também considera que a imprevisibilidade do uso de linguagens, incluindo as gestuais, é característica marcante nas *role-plays*. A prática da dramatização nas aulas de língua, a partir do que foi assinalado por Ladousse, dialoga com as competências a serem formadas no estudante nas aulas de língua estrangeira. Os PCNs afirmam que o aluno deve saber distinguir as variantes linguísticas, sociais e culturais e escolher a forma adequada à situação comunicacional em que está inserido. Tal escolha depende também do desenvolvimento de estratégias para corrigir possíveis falhas na comunicação.

Utilizar estratégias verbais e não verbais para compensar falhas na comunicação (como o fato de não ser capaz de recordar, momentaneamente, uma forma gramatical ou lexical), para favorecer a efetiva comunicação e alcançar o efeito pretendido. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO 2000, p.29)

Quanto à orientação acerca dos componentes básicos da *role-play*, Richter (1998) enfatiza oito itens e algumas estratégias a serem levadas em consideração pelos professores. A saber:

- 1) Objetivos: descrição das atividades que deverão ser realizadas e as habilidades trabalhadas.
- 2) Nível: nível de exigência linguística e etária mínima para a execução da tarefa.
- 3) Linguagem: escolha do vocabulário e nível de formalidade, com base no tema escolhido.
- 4) Organização: como será feito o agrupamento de alunos, número mínimo e máximo de alunos.
- 5) Preparação: Elaboração dos perfis da situação e dos personagens (*roles-cards*). Acerca deste, o autor menciona que pode ser preparado pelo professor ou pelos alunos.
- 6) Aquecimento ou *warm up*: consiste na preparação para desempenhar o personagem. Pode ser uma discussão sobre o tema escolhido, uma série de perguntas acerca do papel, atividades quebra-gelo.
- 7) Procedimentos: o momento onde acontece a prática da *role-play*.
- 8) Seguimento ou *follow-up*: após a *role-play*, o professor apresenta uma tarefa, que pode ser para ser realizada em casa ou mesmo na próxima aula, a fim de reforçar o que foi aprendido e identificar as dificuldades e o progresso obtido pelos estudantes.

Se o professor preparar as *role-cards* e a situação antecipadamente, a avaliação dos alunos começa a partir da implementação e execução das interações entre personagens. Se o professor escolhe deixar para os alunos a fase preparatória, esta consistirá em uma etapa pedagógica a mais, com objetivos, conteúdos linguísticos, atividades e avaliação. (RICHTER 1998 p.102)

Richter ainda diz que as *roles-cards* contemplam diversos tipos sociais, partindo de papéis cotidianos a figuras fictícias.

Há aqueles que os estudantes assumem de fato na vida real, como filho, aluno, irmão. Há também outros em que os alunos atuam autenticamente a partir da experiência vivida, como caixa de supermercado, dentista, professor. Certos papéis podem ser encenados ficticiamente a partir de conhecimentos obtidos por relatos, mídia, informações livrescas: soldado da legião estrangeira, corsário, cavaleiro da Idade Média, etc. Finalmente, os alunos podem ainda desempenhar papéis fantasiosos e mesmo absurdos, dando asas à imaginação. (RICHTER 1998 p.102)

2.5 ROLE-PLAYS SOB PERSPECTIVA COMUNICACIONAL E INTERACIONAL

A prática da oralidade e responsabilidade de assumir um papel talvez diferente da sua realidade social e do seu conhecimento de mundo faz da *role-play* uma atividade onde diversas hipóteses podem ser exploradas. Com base na função do currículo oculto, de formar comportamentos e posturas que preparem o aluno para a convivência em sociedade, o professor vê-se diante da tarefa de formar não apenas intelectualmente, mas moralmente.

Estratégias que abordem ambos nem sempre são fáceis, principalmente nas aulas de língua estrangeira, que muitas vezes são depreciadas pela carga horária e por ser encarada pelos alunos como disciplina secundária. Despertar o interesse é o primeiro passo para que haja a absorção da proposta contida

tanto no currículo escolar quanto nos PCNS. “São raras as oportunidades que o aluno tem para ouvir e falar a língua estrangeira” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO 2000 p.26), por isso a inserção de atividades de *role-play* se torna tão relevante nas aulas, conforme pontua Wessels:

- Aquisição de interação fluente e significativa na língua-alvo;
- a assimilação de um vasto campo de características de pronúncia e prosódicas de maneira interacional e plenamente contextualizada;
- aquisição plenamente contextualizada de vocabulário e estruturas novas,
- um senso aumentado de autoconfiança no aprendiz em sua habilidade de aprender a língua-alvo (WESSELS, 1997, p.13 apud ROSA, 2008, p.23)

Epstein & Ormiston (2007, p.16) afirmam que as *role-plays* ajudam a preparar os estudantes para a vida real, e expô-los a situações e papéis que eles lidarão durante sua vida social e que funcionam como ponte entre a sala de aula e o mundo fora dela. Através dessas situações, os alunos se deparam com uma série de fatores complicadores que existem no mundo real tal como o constrangimento, a motivação e a pressão (MENTS, 1989, p. 13), o que torna esta atividade tão vantajosa numa sala de aula no que concerne a empatia e responsabilidade social.

Outro ponto benéfico para a aquisição de competências em uma língua é a autoconfiança e disponibilidade em tentar, atitudes que frequentemente não pertencem a aprendizes tímidos. Acerca disso, Harmer afirma:

Os alunos não têm a responsabilidade nas suas ações e palavras em outras palavras, é o personagem que eles estão representando quem diz, não eles. Assim nota-se que estudantes tímidos se tornam mais falantes e comunicativos numa *role-play* (HARMER 1999:133, tradução nossa).

Jarvis, Odell & Troiano destacam que estudantes são ativos no processo de aprendizagem quando inseridos num contexto situacional em que haja a necessidade da improvisação. “Há um crescente envolvimento por parte dos estudantes numa *role-play*. Eles não são recipientes passivos daqueles que estão instruindo-os. Pelo contrário, eles são parte ativa” (JARVIS, ODELL & TROIANO, 2002 p.2, tradução nossa). Epstein & Ormiston pontuam alguns dos benefícios das *role-plays* nas aulas de Língua Inglesa:

- *Role-plays* consolidam o aprendizado e permite que os alunos tenham a oportunidade de descobrir seu próprio nível de domínio sobre um conteúdo linguístico específico.
- Ao simular a realidade, os iniciantes e alunos de EFL sentem que eles realmente estão usando a língua para um propósito comunicativo. Isso contribui para a autoconfiança nas habilidades de usar o inglês. (EPSTEIN & ORMISTON, 2007:16)

O elemento autoconfiança mais uma vez é associado às atividades de *role-play*. Para compreender um novo conteúdo ou uma nova experiência social, é essencial ter coragem, ousadia e persistência, características diretamente ligadas à autoconfiança do indivíduo. Portanto para aqueles que

não se sentem seguros para se expressar numa língua estrangeira, bem como na sua própria língua, as *role-plays* funcionam como ferramenta de domínio sobre a timidez e insegurança, por montar contextos comunicativos para que os alunos perciam o receio de se comunicar e ganhem confiança para a utilizarem na vida real.

As atividades de *role-play* favorecem também aqueles que são mais dinâmicos e comunicativos no autoconhecimento. Nelas, tais alunos estão diante da oportunidade de expressarem “suas qualidades seu senso de humor e sua própria personalidade e maneira de se comunicar” (EPSTEIN & ORMISTON 2007, p.16, tradução nossa), o que desenvolve uma maior capacidade de relacionamento interpessoal e dosagem em características que são muito evidenciadas, como, por exemplo, um aluno que fala muito alto pode na *role-play*, experimentar se comunicar com um tom de voz mais baixo e, ainda assim, ser ouvido e compreendido. O professor deve estar atento às diferentes personalidades e posturas dos alunos, para que o trabalho com a dramatização atinja além do alvo de conteúdo linguístico e comunicativo, mas também a preparação para o convívio social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação aluno-escola ultrapassa a de transmissão de conteúdos teóricos, apresentando oportunidades de troca de experiências pessoais e convívio social. As aulas adquirem, então, a função que vai além do cumprimento do conteúdo programático, mas uma forma de exercício da cidadania e de valores críticos, ou seja, a prática relacional do currículo oculto, que, segundo Ribeiro são “efeitos educativos [não acadêmicos] [...] que têm a ver, de modo geral, com aquisição de valores, socialização” (RIBEIRO, 1990, p. 19). Tal currículo deve ser praticado não somente como a imposição de regras fixas e não discutíveis, mas com foco na construção de uma identidade social no aluno, com mentes pensantes, ativas e críticas, o que contempla também a oportunidade do conhecimento das diversidades culturais.

Como elemento facilitador nesse processo, as *role-plays* possibilitam uma real aproximação com situações reais do cotidiano e, sendo assim, passível de um maior entendimento por parte dos alunos. Tal atividade oferece ainda o reforço do conteúdo teórico (vocabulário, estrutura frasal etc.), ao pô-lo em prática em situações onde há a necessidade da improvisação. Ocorre, assim, o real uso da língua, que foge da memorização e trata tão somente do reflexo imediato.

Ainda que formar o senso crítico e reflexivo, transmitir conteúdos e avaliá-los seja um desafio para os professores, essa tarefa pode ser facilitada quando há a inserção das *role-plays* nas aulas de língua inglesa. Isso porque elas permitem avaliar os conhecimentos dos alunos de maneira mais realista, já que os colocam em contextos específicos do uso da língua e ao mesmo tempo oportuniza a liberdade de fazer um uso alargado de outros conhecimentos linguísticos que eles possuam.

Percebe-se, pois, a *role-play* como atividade motivadora, uma vez que os alunos podem se envolver de forma pessoal, com a liberdade de fazer as suas próprias opções. Esses fatores assumem grande importância na interação no mundo real visto que com as *role-plays* cria-se um laboratório linguístico onde os alunos podem realizar experiências ao nível comunicativo. Outro ponto interessante é a oportunidade

que esta atividade fornece aos envolvidos em vivenciarem diversos papéis, compreendendo que um comportamento diante de uma mesma situação pode ser diferente dependendo do contexto cultural.

Em síntese, o trabalho com as *role-plays* auxiliam no processo da aplicação do currículo oculto, visando uma formação interativa e reflexiva, a fim de tornar o aluno um ser sociável e um receptor/reprodutor de novo vocabulário e habilidades comunicativas. Elas aumentam a autoconfiança e autonomia, ampliando, assim, as capacidades intelectuais e interpessoais.

HIDDEN-CURRICULUM UNDER AN INTERACTIVE PERSPECTIVE IN ENGLISH LANGUAGE CLASSES THROUGH ROLE-PLAYS

155

ABSTRACT

This article is placed in the English as additional Language theme and approach the use of group work activities, specifically the role-plays, as a way to improve social and communicative skills and spotlight the hidden-curriculum in the interactional process among the students. When we consider that the focus of the work with the English language should be the development of linguistic and communicative skills, according to the normative papers, we seek to present *role-plays* as a central instrument for this purpose, mainly because it contains some features that make this activity an excellent opportunity for the development of speaking and listening skills, rarely honed in the classroom. Moreover, this kind of task gives students the approach to situations that require the use of the target language, encourages and promotes self-confidence and self-interaction and the exchange of experiences, thus offering the opportunity to form and attitudes to prepare the student for life in society. We will discuss at this article the relation between this active methodology and the hidden-curriculum. This qualitative study aims to review the related specialized literature and to inform language teachers and educators in general, and High School professionals in particular seeking to use this kind of activity in their classes.

Key-words: Hidden curriculum. Language teaching. Group work. Role-play.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ABED, Anita. **O Desenvolvimento das Habilidades Socioemocionais como Caminho para a Aprendizagem e o Sucesso Escolar de Alunos da Educação Básica**. São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. Second Edition. Longman, 2001.

CAGLIARI, C. L. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

DOFF, A. **Teach English: a training course for teachers**. New York: Cambridge University Press, 1990.

EPSTEIN, R.; ORMISTON, M. **Tools and Tips for Using ELT Materials: A Guide for Teachers**. Michigan. 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

G1. Trabalho em equipe levou à evolução do cérebro humano, sugere estudo

Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/04/trabalho-em-equipe-levou-evolucao-do-cerebro-humano-sugere-estudo.html>> Acesso 02 set 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ed, São Paulo: Atlas, 2002.

JARVIS, L.; ODELL, K.; TROIANO, M. **Role-playing as a teaching strategy**. 2002.

Disponível em: <<http://imet.csus.edu/imet3/odell/portfolio/grartifacts/Lit%20review.pdf>>
Acesso em 19 ago 2020.

LADOUSSE, G.P. **Role play**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf
Acesso em 30 ago 2020, 02 set 2020.

PINTO, F.C; FONSECA, L.E.G. **O Currículo Oculto e Sua Importância na Formação Cognitiva e Social do Aluno**. Projeção e Docência, volume 8, número 1, ano 2017. p. 59

REVISTA NOVA ESCOLA. **As trocas que fazem a turma avançar**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/trabalho-grupo-427856.shtml>> Acesso em 05 set 2020.

RIBEIRO, A. C. **Desenvolvimento Curricular**. Lisboa: Texto Editora, 1990.

RICHTER, M.G. **Role-play e ensino interativo de língua materna**. In **Linguagem & Ensino**, Vol. 1, No. 2, Santa Maria, 1998. Disponível em <<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15485/9667>> Acesso em 23ago 2020.

ROSA, D.C.O. **Role-play: o ponto de vista de alunos de língua estrangeira**. 2008. Porto Alegre. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **Quem escondeu o currículo oculto**. In **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TAVARES, V.O. **Ensino de Segunda Língua: Uma Contribuição para o Desenvolvimento da Competência Interacional na Escrita**, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília- DF, 2013.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VAN MENTS, M. **The effective use of role play: a handbook for teachers and trainers**. Revised Edition. New York: Nichols Publishing, 1989.

WESSELS, C. **Drama**. Crambridge. Crambridge University Press, 1997.